

COLEÇÃO

GPs

10

Semiótica da Comunicação

Alexandre Rocha da Silva
Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa
(organizadores)

COLEÇÃO
GPs



1. O método semiótico-estrutural na investigação dos sistemas da cultura

IRENE MACHADO

1. Introdução: Métodos e modelos em sistemas de grande complexidade

O objetivo essencial deste ensaio é discutir o método semiótico-estrutural (Lótman M., 2001) que orientou a investigação semiótica da cultura em seu trabalho de explicitação das características de sistemas que, ao se desenvolverem a partir de códigos e linguagens, se apresentam como organizações de grande complexidade. Para isso, trataremos de recuperar articulações fundadoras do método semiótico em sua matriz estrutural, bem como o processo de análise baseado na descrição e na síntese, de modo a considerar a dinâmica dos modelos construídos. Trata-se de reposicionar um procedimento de análise semiótica de caráter empírico focado na descrição e síntese como entendimento. Considerando que o objeto primordial da análise semiótica da

cultura é a compreensão das linguagens modelizadas em sistemas de signos variados, o que se propõe aqui é uma sistematização da compreensão capaz de problematizar a noção de espaço semiótico como instância de interações culturais geradoras de processos dinâmicos de informação e de sentido.

Devemos, basicamente, a Iúri Lótman e Bóris Uspiênski a formulação das hipóteses e experimentos que conduziram a reflexão sobre o método semiótico-estrutural. Num primeiro momento, trata-se de trabalhar na construção de modelos segundo a analítica de sua constituição; num momento subsequente, o modelo exprime a síntese de observações e de entendimentos. O que se infere de saída é a implicação mútua entre método e modelo, isto é, entre construção e entendimento da linguagem em suas possibilidades de organização da informação e dos próprios sistemas culturais.

Ao situar a linguagem como dispositivo de organização da informação elementar em seus mecanismos geradores dos sistemas culturais, o campo de estudos semióticos viu nascer, nos anos de 1960, o alinhamento de investigação que se voltou para o estudo dos assim chamados sistemas de grande complexidade. Denominou-se semiótica estrutural ao conjunto de trabalhos que se orientaram pela concepção segundo a qual, na cultura, modelos simples não precedem modelos complexos de modo a compor com eles gradientes numa escala que vai do mais elementar aos mais complexos. Na verdade, seguindo a compreensão de Lótman, I. (1974) e Lótman, M. (2001), assim como os fenômenos do mundo, as elaborações da cultura se caracterizam pela complexidade potencial que não se ausentam nem mesmo em suas representações. É no entendimento que a complexidade se configura como modelo simplificado. Resta ao método elaborar possibilidades de reaver o dinamismo de relações para, a partir dele, alcançar a complexidade. A tarefa do método

semiótico-estrutural seria, em última análise, a compreensão da dinâmica das transformações nos sistemas envolvidos, o que implica seguir as diretrizes de seu movimento sistêmico.

Isto posto, vale destacar que um dos princípios elementares do método estrutural-sistêmico se baseia no movimento de invariantes no contexto de variações, seja num sistema, seja entre sistemas diferentes. Em trabalhos de distintas gerações semióticas foram desenvolvidas formulações distintas desse processo, formando um conjunto bem articulado de ideias sobre a sistemicidade das relações culturais. Aquilo que na teoria semiótica se entende como a qualidade elementar de sua condição de possibilidade sistêmica. Conceitos como sincronia e diacronia, de R. Jakobson; de evolução, de I. Tinianov; de relações dialógicas, cronotopo, grande temporalidade, extraposição, de M. Bakhtin; de modelização, cultura como texto, texto da cultura, espaço semiótico e semiosfera, de I. Lótman; de moldura, artisticidade e autocomunicação, de B. Uspiênski; de experiência estética e montagem, de S. Eisenstein, são algumas das concepções que pela analítica de sistemas culturais e representações estéticas procuraram sistematizar o modo pelo qual as invariâncias se constituem nos contextos de intensas variações. Em todas essas concepções o método semiótico-estrutural orienta diferentes perspectivas sistêmicas.

O que muda e o que permanece não é pergunta que possa ser considerada específica da abordagem semiótica da cultura. Na verdade ela sustenta a dinâmica dos encontros culturais nas mais distintas esferas de sua manifestação. Dimensionada em campos de luta entre sistemas de signos, temos configurados os conflitos que estão na base de constituição do espaço semiótico na dinâmica de seus sistemas de signos. Daí se estendem outras injunções que, na esfera dos processos de interação e de comunicação – nosso lugar de análise – consagraram como conquistas territoriais, disputas

políticas, étnicas, semiótico-linguísticas, tecnológicas e de sistemas de mente cujo papel na constituição do espaço semiótico coloca em questionamento o próprio desenho geopolítico do mundo construído historicamente seguindo os eventos e representações tal como flagradas das invariantes nas variações. Com isso se quer afirmar que o próprio mundo não está liberado da sistemicidade da semiose dos espaços culturais. E este flagrante é o que, grosso modo, motivou o estudo da semiosfera.

Sabemos que semiosfera abrange o campo conceitual que Lótman dividiu como modelo de mundo projetado enquanto espaço flagrante da semiose. O que não sabemos, ou temos dificuldade de conferir a devida atenção, é que os sistemas de grande complexidade colocam na pauta fundamental de sua investigação os métodos de observação e de análise das semioses em suas variações. O modelo da semiosfera reflete, pois, estados de mente, de entendimento, para os quais buscamos métodos de observação, descrição e análise que, em vez de alcançar um quadro constituído, é assombrado pela dinâmica, levando assim a elaboração de novos modelos. Nesse sentido, semiosfera constitui um modelo de mente cujo método analítico não tem poder de delimitação, mas sim de estimulação e entendimento.

Diante desse quadro conceitual, o ensaio aqui proposto tem como desafio:

- explicitar uma compreensão dos métodos e dos modelos na investigação semiótica;
- redimensionar o método semiótico-estrutural do ponto de vista da descrição do dinamismo estrutural dos sistemas de signos;
- delinear a compreensão do dinamismo das variações nos sistemas de grande complexidade;

- configurar a metalinguagem da descrição da cultura na autodescrição de seus funcionamentos sistêmicos;
- desenhar o caminho que vai da descrição para a síntese, ou seja, da construção ao entendimento.

A cultura é o sistema de grande complexidade não apenas porque a abordagem semiótica entende que a cultura constitui sistemas que podem ser lidos como texto, isto é, como espaços semióticos de signos e linguagens modelizadas. A complexidade do sistema da cultura advém de sua composição como sistema dinâmico, em transformação no tempo e no espaço. Por isso, nosso horizonte especulativo orienta-se pela indagação: Como examinar aquilo que muda naquilo que permanece, isto é, as linguagens e os sistemas de signos em semiose?

2. Sistemas semióticos em disputa pelo espaço

Sob o desígnio de "sistemas semióticos de grande complexidade" não se representa aqui uma tautologia, como pode sugerir uma leitura genérica, uma vez que, todo sistema semiótico se orienta pela complexidade das relações sógnicas, ainda que perspectivadas por diferentes gradientes. O que se procura definir é a semiose transformadora de interações em espaços de cultura cujas determinações históricas não se fecham às possibilidades de movimentos imprevisíveis. Sistemas semióticos de grande complexidade definem-se nas explosões de encontros sógnico-culturais diversificados.

A distinção de sistemas semióticos de grande complexidade, que Lótman e Uspiênski atribuem à cultura, é elaboração dos anos 70, período de intensa produtividade na investigação semiótica da cultura. É nesta época que ganha corpo a noção de espaço semiótico do ponto de vista

estrutural, isto é, da descrição do sistema em sua estrutura dinâmica promovida por pontos de vista variáveis que, apesar da não direcionalidade, são surpreendidos em encontros. Traduzir em diagrama de pensamento semiótico a dinâmica de encontros enviesados foi tarefa dos estudos orientados pela importância da distinção entre os elementos sistêmicos de permanência e, portanto, invariáveis, e os elementos extrassistêmicos. Segundo Lótman, os elementos invariáveis constituem a estrutura do sistema. Contudo, nos termos de seu entendimento, o sistêmico se distingue do extrassistêmico, não porque um repousa na estabilidade e o outro na dinâmica, mas sim porque à estrutura "se contrapõem os elementos extrassistêmicos que se distinguem pela não estabilidade, irregularidade e que hão de ser eliminados no curso da descrição" (Lótman 1998c: 65). Dito de outro modo: se as estruturas sistêmicas fossem estáveis, não se desenharia o movimento de luta contra aquilo que ameaça pelo exterior. Temos, então, que a estabilidade estrutural-sistêmica não se projeta senão pela dinâmica de conflitos. O modelo sistêmico assim definido funciona por exclusão do extrassistêmicos, o que denuncia a abstração da construção do modelo simplificado que é um traço fundamental da ciência (Lótman 1998c: 66). Entre sistêmico e extrassistêmico não existe senão luta pelo espaço semiótico.

A luta pelo espaço semiótico modifica a concepção: não se trata de oposição entre o que está dentro e o que está fora, entre o estático e o dinâmico, mas sim de disputa. Quando Lótman formula tal disputa como confronto entre cultura e não cultura; texto e não texto, não é de oposição ou de dicotomia que ele está falando, mas de luta pelo espaço semiótico pautada nos questionamentos: como aquilo que está fora – o extrassistêmico – pode adentrar para a esfera da cultura a se tornar sistêmico? Como a informação se torna texto?

Lótman reconhece que a exclusão dos elementos extrasistêmicos cria um problema para a construção de modelos dinâmicos: "uma das fontes fundamentais do dinamismo das estruturas semióticas é empurrar os elementos extrassistêmicos para a órbita da systemicidade e a expulsão do sistêmico para o extrassistêmico" (Lótman 1998c: 67). Surge, assim, um problema de método, uma vez que o extrassistêmico escapa ao princípio analítico e também não se submete à descrição. A possibilidade de análise Lótman encontra no processo de tradução. Pela tradução, o extrassistêmico pode assumir a condição sistêmica, visto que em traduções deste tipo, são devidamente considerados a não coincidência de códigos.

Não se trata de descrever apenas a estrutura da cultura como também de traduzir na linguagem desta descrição, da própria autodescrição da cultura (Lótman 1998: 72), o que significa, para Lótman, um ato cultural criador, um degrau no desenvolvimento da linguagem.

O método semiótico-estrutural pensado a partir da dialogia que luta para não fazer da descrição um modo de converter um "objeto dinâmico em um modelo estático", uma grande preocupação de Lótman (1998c: 65). Cresce a importância de procedimentos que levem à introdução de traços dinâmicos no sistema de modo a levar à constituição da complexidade: binarismo, ambivalência, tensionamento entre centro e periferia.

Com isso, podem-se distinguir dois tipos de sistemas semióticos: aqueles orientados para a transmissão primária e aqueles orientados para a transmissão da informação secundária. Os primeiros podem funcionar em estado estático; para os segundos, a presença dinâmica, quer dizer, da história, é uma condição necessária ao funcionamento. Daí a ideia de que "O estudo das linguagens artísticas e em particular do poético deixa de ser meramente uma estreita esfera de funcionamento da linguística: está na base da modelização dos processos dinâmicos da linguagem como tais" (Lótman 1998c: 80).

Os sistemas sgnicos de grande complexidade oscilam entre os dois níveis e funcionam sob tensão, o que deixa em evidência o estado dinâmico do sistema. Um exemplo nesse sentido são as situações comunicativas:  transmissão segue-se a tradução a partir de códigos não coincidentes.

Do ponto de vista de sua descrição, os sistemas de grande complexidade são a história, a arte, a vida do homem como unidade de processos biológicos e sociais, as linguagens, as hierarquias complexas da semiosfera. Do ponto de vista estrutural, estes sistemas se distinguem pelo dinamismo, fluidez, contraditoriedade de organização interna (Lótman & Uspiênski 1973: XXII). Se a constituição dos sistemas de grande complexidade for considerada a partir de sua constituição interna, teremos de fato valorizado aquilo que distingue a ciência humana da ciência exata.

Se o método estrutural se consagrou pelo processo analítico de funcionamentos constituídos, há que se considerar a transformação proposta pelo método semiótico que busca a interação de tendências, sobretudo porque seu objeto de estudo – o texto que se constitui na dinâmica da grande complexidade –  marcadamente fluido. A diferença fundamental do método semiótico estrutural-descritivo em relação ao método estrutural analítico-demonstrativo  a concepção das regras e dos meios na síntese do texto, muitas vezes calcado em contradições. O texto artístico, por exemplo, não é uma estrutura de decodificação mas de recodificação e metalinguagem a reivindicar uma compreensão descritiva do sistema hierárquico de sua complexidade.

3. Interdependência e delimitação no espaço sistêmico

Sabemos que um modelo revela uma construção objetivada por um modo de ver o mundo num espaço de cultura

que, longe de ser uma mera oposição à natureza, apresenta-se como produto das transformações dialéticas de suas leis que são, evidentemente, naturais, porém, não têm nada de divino. Um modelo implica um modo de ver e compreender o mundo; um ponto de vista que nasce do lugar que o homem ocupa neste mundo. É hora de introduzir a dimensão do método sem o qual o modelo não é construído. Tanto o método quanto o modelo são inconcebíveis fora do espaço a partir do qual se projeta o ponto de vista. Modelo e método dizem respeito à delimitação – jamais serão sinônimos de totalidades. Ambos se organizam em espaços semióticos delimitados, o que nos permite orientar o exame pela observação com vistas à descrição onde seja possível evidenciar a variação de invariantes.

Se é certo afirmar que os modelos constroem sistemas de representação, não é menos correto afirmar que os métodos se encarregam de criar possibilidades de investigação. Por isso, a premissa segundo a qual, no modelo se inscreve a ontologia de um sistema e, no método, a condição de possibilidade que o entendimento deriva de seu funcionamento, só será reconhecida se entendimento e funcionamento forem dimensionados como interdependência entre metodologia e epistemologia. Um sistema cultural não se oferece ao observador senão como construção de premissas que levem à ontologia. Nunca pode ser objeto de demonstração ou da aplicação de um modelo teórico.

Também vale dizer que não estamos diante de etapas, mas de um processo, um estado de implicações mútuas: tanto os modelos constituem a base a partir da qual são construídos os métodos, quanto os métodos se encarregam de construção de modelos.

O modelo semiótico entendido como construção vinculada a um método encaminha a descrição e a síntese como processos cognitivos. Lótman e Uspiênski (1973) entendem que procedimentos como esses destituem a fé e a crença

que orientam as demonstrações da análise aplicada, contra as quais se colocam os ambientes de comunicação com vistas ao outro, à dialogia das relações. Para atender esta demanda que são desenvolvidas as linguagens de descrição a partir de modelos e de pontos de vista de observação. A inclusão do observador introduz a dialogia no modelo e, com isso, podemos dizer que o modelo dialógico torna-se modelo privilegiado de estudo da complexidade dos sistemas semióticos. É nele que vemos desenvolver ferramentas de descrição tais como a tradução, a metalinguagem, a autorreferência.

O modelo dialógico se desenvolve em espaços de relações, onde os textos da cultura se situam em fronteiras. Antes mesmo de ser um traço fundamental do estudo da semiosfera, fronteira surge na investigação de Lótman para apreender o movimento dos sistemas culturais no espaço interno da cultura (LOTMAN 1998a: 101). Fronteira reproduz um modelo dinâmico da dialogia no espaço sistêmico. Como traço que distingue transformações, tal como a noção de traço distintivo de Jakobson, a fronteira também projeta uma linguagem de descrição que define o método semiótico-estrutural no estudo do modelo dialógico.

Considerados na dimensionalidade dinâmica dos espaços de fronteira, os modelos da cultura podem ser considerados em suas propriedades fundamentais.

- dimensionalidade espacial
- homeomorfismo relacionado à coletividade
- delimitações internas que dividem o espaço interior de espaço exterior
- diferenças e identidades entre os espaços internos e externos
- variantes de orientação nos espaços delimitados da cultura
- dependências entre conteúdos e modelos de cultura

A formalização de linguagens para a descrição do funcionamento dos sistemas de signos nos espaços da cultura marca a investigação sobre os modelos e o método estrutural-semiótico que espera projetar assim as condições de possibilidades da própria semiose (tal como formulado em MACHADO & ROMANINI 2011).

4. Aportes para a construção do método e entendimento do modelo

A orientação do método semiótico para o estudo do modelo da semiosfera da cultura, de modo a resgatar a complexidade do sistema, implica a compreensão do mecanismo das invariantes nas variações da própria semiose cultural. Para Lótman, a compreensão elementar deste modelo não se traduz senão na metáfora da mente em sua capacidade de converter inteligência em processo de semiose, isto é, de linguagem e sistemas de signos. Nesse sentido, uma das premissas fundamentais de seu estudo da semiosfera se orienta pelo processo de geração de sentido que, nos espaços de mente, se manifestam em funcionamentos ou capacidades de armazenamento, disseminação e de geração de sentido que, nos quadros da cultura designa-se como informação nova.

No entender de Lótman & Uspiênski, o campo do estudo do sentido com base na construção do método e no entendimento do modelo da semiosfera é altamente revelador de um funcionamento do espaço de mente que, ao longo do século 20, foi desenhando como inteligência, levando a investigação científica a se engajar num movimento de ampliação que emergiu como "consciência sobre a consciência" (Lótman & Uspiênski 1973: XXII). Evidências flagrantes desse movimento não se concentram apenas nos estudos do sentido, mas na grande esfera de gravitação

sobre a tríade mente – cérebro – inteligência; código – linguagem – sistemas. Este é um campo de forças considerável de estreitamento de vínculos e interdependência entre método e modelo. Nele Lótman divisa a necessidade de pensar a cultura como uma mente, cujo funcionamento fundamental não é exatamente a capacidade de produzir linguagem, mas sim a condição de gerar textos, isto é, de gerar sentido. Texto se tornou a chave do moderno estudo semiótico uma vez que tornou possível tanto a formulação do modelo (cultura como texto) quanto do método (texto da cultura). Enquanto modelo, o texto da cultura se orienta pela modelização das linguagens da cultura, sobretudo porque é na linguagem que se manifesta o entendimento e seus movimentos em sistemas de signos que evidenciam a mudança naquilo que permanece. Enquanto método, o texto funciona como processo de autodescrição do sistema no espaço semiótico de sua constituição.

Ainda que o raciocínio seja orientado pela interdependência e uma certa circularidade, não estamos aqui desenhando uma aporia. Considerando que a consciência do homem do século 20 pautou pela dominância do sentido, a materialização de tal condição não se fez senão pela ampliação e diversificação dos sistemas de linguagem, graças, sobretudo, ao desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação e das técnicas que lhes servem de suporte, Lótman & Uspiênski (1973) entendem que o conhecimento neste século gravita em torno de um modelo: a metalinguagem. Nesse sentido, o crescimento dos meios técnicos de comunicação só se tornou importante, porque se fez acompanhar de um correspondente aumento de tecnologia de inteligência traduzida não só em novos códigos como também em linguagens analítico-descritivas capazes de abranger o dinamismo da complexidade enquanto conhecimento metalinguístico. Assim, a cultura pode ser entendida como texto – universo

de mente – e, portanto, modelo de mundo. Códigos e linguagens se tornam o método fundante do conhecimento metalinguístico que se projeta em tecnologias de inteligência ou simplesmente semioses.

E esta dinâmica revela uma inequívoca dificuldade de compreensão do fenômeno da comunicação no quadro das interações culturais.

A partir do método descritivo-estrutural guiado para a análise do funcionamento dos sistemas semióticos em sua extensão e profundidade, Lótman propõe a comunicação como problema semiótico por excelência.

Consegue-se, assim, um afastamento do risco da aporia, o mesmo não pode ser dito com relação ao paradoxo do entendimento. Com isso se quer dizer o seguinte: à luz do conceito de texto a cultura "fala" muitas e diferentes linguagens; constrói metalinguagens e desenvolve como sistema de autocomunicação. Esses são alguns dos paradoxos que marcam o estudo da comunicação como problema semiótico no espaço da cultura.

5. Metalinguagem e crioulização na autodescrição da cultura

Via de regra, o conceito de metalinguagem se reporta à língua e ao mecanismo de tradução de correspondências semânticas baseadas no termo-a-termo. No contexto semiótico de compreensão das linguagens da cultura, a metalinguagem revelou-se mecanismo de tradução de códigos não coincidentes, entre elementos sistêmicos e extrassistêmicos. Observa-se que a operação metalinguística é guiada pela imprevisibilidade de relações, o que faz dela uma operação fundamental do método estrutural-semiótico na autodescrição dos sistemas da cultura. Na análise da inserção do extrassistêmico,

observam-se procedimentos que sustentam ações consagradas como "crioulização das linguagens discretas, das linguagens não discretas e das metalinguagens" (LÓTMAN 1998g: 23).

Denomina-se crioulização das linguagens aos movimentos de aproximação e contatos entre povos e culturas em que se observam mutualidade de relações entre conjuntos heterogêneos. Nas línguas, nem mesmo as distintas gramáticas constituem obstáculos para a emergência da crioulização. Os encontros civilizacionais elaboram exemplos extremos desses processos, sobretudo quando pensados nos funcionamentos que emergem no contexto de intraduzibilidade e da própria irracionalidade das relações. Segundo Lótman, surgem aí condições inarredáveis de conflito pelo espaço em extremos de irreversibilidade. O mais surpreendente é que, do ponto de vista sistêmico, desenvolve-se a capacidade do sistema de traduzir um sistema de signos por outro de natureza diferente. "O sistema se auto-organiza, orientando-se por uma meta-descrição dada, descartando aqueles seus elementos que deste ponto de vista da meta-descrição não deveriam existir e acentuando o que nesta descrição se delinea" (LOTMAN 1998g: 33-4).

Como mecanismo semiótico de tradução de linguagem e de elaboração de códigos possíveis, graças ao processo de recodificação daquilo que, numa primeira instância é intraduzível, a metalinguagem se consagra como um dispositivo de inteligência na dinâmica sistêmica da cultura. O mecanismo inteligente é dotado de capacidade de descrição metalinguística. Contudo, ao definir metalinguagem como processo de inteligência, Lótman não toma a inteligência do homem como modelo. Sua premissa se orienta pelas estruturas suprapessoais, distantes da consciência humana e, por conseguinte, próximas das inteligências que possam agregar diferentes espécies no universo culturoológico (da zoossemiótica à culturologia) (LÓTMAN 1998e: 24; 1990).

O quadro de sistemicidade aqui delineado se amplia visto que a relação entre o sistêmico e o extrassistêmico desvenda o confronto no interior de um sistema que mostra o espaço semiótico no confronto dos mais diferenciados sistemas de cultura. Na condição de dispositivo pensante, a metalinguagem se mostra como capacidade dos mecanismos de inteligência de processar informação que, diferentemente da consciência humana, resultam de uma inteligência autônoma e artificial (Lótman 1998e: 98). Não se trata de tomar a consciência humana como paradigma, como queria, por exemplo, Allan Turing, mas de observar as diferentes inteligências possíveis em contextos de cultura externos aos sistema da cultura humana. Ao que se pode inferir, como o faz Lótman, três classes de objetos inteligentes: a consciência natural do homem (de uma unidade humana isolada), o texto (numa segunda acepção) e a cultura como inteligência coletiva, no sentido de um comportamento comum a diferentes espécies vivas ou do universo da mente. O importante é que, "do ponto de vista estrutural, todos se caracterizam pela heterogeneidade semiótica" e evidenciam distintas modelizações do mundo. A começar pelas assimetrias dos hemisférios cerebrais na produção de textos discretos e textos contínuos: uns não se traduzem pelos outros, e no entanto é da intersecção entre eles que nascem os textos novos" (LÓTMAN 1998e: 17; 18-9).

A necessidade de considerar o dispositivo inteligente do ponto de vista de sua intraduzibilidade e imprevisibilidade se deve ao fato de os sistemas não discretos (produzidos pelo hemisfério direito) continuam um grande enigma: ainda não se desenvolveu uma ciência com o lado direito do cérebro.

Esta dificuldade é provocada em grande medida pelo fato de que qualquer dos procedimentos de

descrição de tal sistema hoje existentes encontram-se vinculados a uma reformulação do mesmo mediante recursos de uma metalinguagem discreta, que conduz a uma transformação radical do próprio objeto, que adquire um caráter quase irracional. As ideias segundo as quais os textos discretos-verbais (hemisfério esquerdo) possuem um caráter racional e inteligível, ao passo que os não discretos (direito) em um caráter irracional, requer revisão (LÓTMAN 1998e: 21).

Se a metalinguagem colabora para aproximar signos discretos e signos contínuos, de traduzi-los servindo-se da recodificação de modo a preservar a imprevisibilidade e intraduzibilidade do sistema em sua complexidade, é natural que se entenda que estamos aqui diante de um modelo simplificado. Nesse sentido, a metalinguagem mostra-se linguagem de descrição torna-se parâmetro fundamental para distinguir a complexidade do sistema da simplificação do modelo cujo método não tem senão o objetivo de permitir a compreensão – consciência da consciência de que fala Lótmán.

A simplificação do modelo não quer dizer ausência de dinamismo, pelo contrário. A noção de que os sistemas culturais são dotados de complexidade porque, ainda que abriguem invariantes em sua constituição, o dinamismo é seu mecanismo fundamental, está na base da noção de autodescrição do sistema. Entendida como manifestação do dinamismo interno do sistema, a autodescrição elabora um modelo dinâmico de organização da cultura. Este modelo Lótmán investigou de modo comparativo a partir de concepções que veem de Hegel, Darwin e chegam em Kant, mas não param nele, avançam e alcançam Leibnitz. O modelo de mundo constituído a partir das ideias de Hegel e de Darwin define a cultura em estado evolutivo. Contudo, situa o investigador fora da evolução: "o conhecimento é concebido como

a descoberta das regularidades (estruturas) ocultas no objeto (cultura). O investigador armado da lógica, se encontra na posição de correspondente da verdade" (LÓTMAN 1998e: 140). Quando Lótman recorre à autodescrição, o modelo inclui a dinâmica da linguagem da descrição que investiga e constrói o modelo. Não se trata de questionar o modelo de mundo em sua constituição evolutiva, mas sim de um questionamento quanto ao método: por que o investigador está fora da investigação? Lótman situa a importância de Kant no delineamento do método a partir do qual se interroga sobre o modo de conhecer. Segundo ele,

O interesse se desloca da questão de como se encarna o espírito no texto, para a interrogação de como o texto é percebido pelo auditório. Sobre esta base se desenvolvem diferentes orientações da hermenêutica. Em suas manifestações extremas essa metódica translada toda a atenção ao sujeito da cultura (LOTMAN 1998e: 141).

Consolida-se a noção de interpretação da cultura pelos seus contemporâneos. O modelo interpretativo é sempre atual e bem delimitado pela relação sujeito / objeto. Este modelo cuja linhagem remonta a grandes fundações do pensamento europeu, de Hegel a Kant, não se aplica a todas as culturas nem a todos os níveis dos sistemas culturais. Por exemplo, os níveis radicalmente diversificado de produção de sentido. O processo de geração de sentido tornou-se uma questão fundamental da semiótica da cultura. Além do dinamismo de geração, a geração de sentido evidencia o trabalho dos textos de cultura como processos irreversíveis. "Este processo supõe o ingresso de alguns textos no sistema e a transformação específica, imprevisível, dos mesmos durante o movimento entre a entrada e a saída do sistema" (LOTMAN 1998e: 142). Com base no conceito de

processo irreversível, Lotman propõe um modelo invariável de geração de sentido. A irreversibilidade é a invariável do sistema que

permite definir as estruturas geradoras de sentido como uma espécie de mônadas semióticas funcionando em todos os níveis do universo semiótico. Mônadas são tanto a cultura em sua totalidade como cada texto suficientemente complexo de sua composição, incluindo também a pessoa humana isolada, considerada igualmente texto (LOTMAN 1998e: 142-3).

A mônada se apresenta, sobretudo, como um modelo semiótico-informacional: quer dizer, ela não tem uma existência material. Com isso, nenhum texto que entra para sua constituição não significa sua aniquilação, pelo contrário, ao integrar um novo espaço o texto se transforma e dele emerge um novo texto. O exemplo que Lotman introduz é o seguinte: quando um invento técnico surge ele devora o anterior que, ainda que mantenha sua existência física, seu núcleo informacional foi devorado. Os meios técnicos de comunicação são o exemplo evidente em nossa área de conhecimento: telefone e telégrafo, por exemplo. Quando se considera, contudo, os meios de comunicação do ponto de vista dos sistemas semióticos que os constituem, percebe-se que não há aniquilação nem física nem semiótica. É o que podemos constatar se tomarmos sistemas de signos alfabéticos em relação ao tipográfico e impresso; o sistema fotográfico e o cinematógrafo; a radiofonia e os sistemas audiovisuais. Tomados a partir do modelo semiótico-informacional o sistema emerge como complexidade de transformações de geração de sentido em diferentes níveis de sua constituição estrutural. Dela deriva sua capacidade para a autodescrição, que sugere a Lotman a mônada.

6. Considerações finais: Metalinguagem como método

Considerando que as línguas e as linguagens da cultura se tornaram objetos primordiais do estudo semiótico da cultura, só nos resta entendê-los como os modelos fundamentais, a partir dos quais se constituiu a semiótica da cultura. No centro da análise foram formulados procedimentos teóricos de análise no sentido de alcançar a descrição e funcionamento dos sistemas envolvidos bem como a natureza de suas relações.

Noções de signo discreto / signo contínuo; diacronia / sincronia; modelização primária / modelização secundária; invariância / variação; estático / dinâmico; reflexo / refração; forças centrípetas / forças centrífugas; série evolutiva / grande temporalidade; dialogismo / signo ideológico; memória / mente da cultura; extraposição / espaço semiótico – eis algumas das noções que encaminharam, cada uma a seu modo e no contexto de investigações particulares, os alinhamentos dos estudos da semiosfera. Mais do que conceitos de condução da análise semiótica aplicada, cada formulação procurou compreender as manifestações de cultura para as quais se alcançou uma linguagem de descrição. Em cada uma, cumpre-se a máxima do pensamento de Lótman segundo a qual: "A linguagem da descrição não está separada da linguagem da cultura e da sociedade a que o pesquisador encontra-se filiado" (LÓTMAN 1998a: 95). Não poderíamos ter melhor definição para método semiótico em sua expressão estrutural. Não é a toa que uma das obras fundamentais pela qual Lótman desenvolveu sua prática analítica do método estrutural foi o estudo da estrutura do texto artístico. Foi na estrutura da obra de arte que Lótman perscrutou um modelo de análise estrutural em que o método descritivo se aproxima do dinamismo de

seus constituintes sem eliminar os invariantes da composição. A estrutura não pode prescindir dos elementos estáticos para configuração da dinâmica das relações, como não hesita Lótman em sua análise.

Ao colocar diante de si a finalidade consciente da construção de modelos dinâmicos da obra artística, é indispensável rejeitar a sua contraposição categórica aos modelos estáticos e, mais ainda, negar-se a considerar esses dois tipos de modelização do texto artístico como metódica e metodologicamente hostis. Bem mais correta será sua interpretação como duas etapas da aproximação científica à compreensão do mecanismo do funcionamento social da obra. Um mesmo texto pode ser descrito de algumas maneiras diferentes. Sendo assim, se cada uma dessas descrições for tomada isoladamente, isto só será possível na qualidade do sistema estático, e então a estrutura dinâmica surgirá de suas relações (LOTMAN 1979: 132).

De acordo com o raciocínio de Lotman, o método de abordagem semiótico-estrutural assume o caráter descritivo como etapa indispensável de um processo que se completa na construção dinâmica do modelo. A descrição do modelo estático não é definitiva e não permite "o julgamento da função estética do texto. [...] Com isso, cada uma das estruturas citadas, tomada em separado, pode ser descrita estaticamente, mas a relação delas introduz no modelo o elemento de dinâmica". O que se conclui é que a estrutura estática não se define "pela natureza do fenômeno em si, mas pelo método de descrição que se escolheu" (LÓTMAN 1979: 133).

A compreensão da estrutura implica a explicitação do trabalho construtivo de seus constituintes, a vida do texto

em funcionamento. O método semiótico-estrutural se erige sobre a descrição do texto em sua dupla abordagem: a descrição da estrutura estática não se desenvolve sem uma dada percepção que se lança sobre ele e refaz a sua configuração a princípio estática. O modelo dinâmico nasce da relação entre diferentes níveis construtivos. Sustenta-se, pois, da luta e do conflito entre tais níveis – que podem ser assim denominados índices energéticos sem os quais não emerge a função estética. É esta percepção imediata que se torna objeto da descrição estrutural do texto de cultura (LÓTMAN 1979: 137). Num primeiro momento, há que se considerar a estrutura estática.

Somente depois disso pode-se esperar passar para os modelos dinâmicos (funcionais) e para o inventário do momento energético, i.é, o momento da resistência dos sub-sistemas à sua aproximação estrutural e do esforço exigido para vencer esta resistência. Entretanto, ao diferenciar essas três etapas na descrição estrutural do texto, não se deve esquecer que o modelo adequado da obra só poderá ser construído após o inventário consequente de todos esses momentos (LÓTMAN 1979: 138).

A noção de luta não se manifestou apenas na estrutura da obra artística, mas, porque foi proposta como constituinte fundamental do modelo artístico em sua articulação fundamental e, por isso mesmo, simplificada, não foi difícil observar o alcance deste modelo simplificado para entender o momento energético formulado, enquanto linguagem de descrição do sistema. Com isso, é possível entender a metalinguagem como método para o estudo dos modelos de mundo representados em linguagens e sistemas de signos da cultura.

A metalinguagem define o método de autodescrição da complexidade em termos de seus constituintes estruturais

e seus mecanismos explosivos. A ela podemos atribuir a possibilidade de investigar a semiose dos sistemas da cultura do ponto de vista da imprevisibilidade. Nesse sentido, a metalinguagem potencializa igualmente a capacidade interpretativa do sistema, sobretudo se considera que a ciência do século XX, além de voltar-se para a descoberta do novo, toma como desígnio de ampliar a "consciência sobre a consciência" (LÓTMAN & USPIÊNSKI, 1973: XII). Consequentemente, a cultura é compreendida como sistema de linguagens constituídas a partir do processo de modelização entre os diferentes sistemas de signos que, do ponto de vista de sua manifestação concreta emerge sob forma de texto. É como texto que os sistemas culturais surgem como problema semiótico.

O texto não apenas organiza os sistemas da cultura a partir das linguagens, como também explicita sua dinâmica fundamental do desenvolvimento da cultura. Daí ser o texto o precedente mesmo da linguagem, uma dentre as inúmeras ousadias do pensamento propositivo de Lótman. A hipótese de Lótman propõe entender o problema a partir de um novo modo de se situar as relações entre texto e linguagem. Considerando que a consciência do homem do século XX pautou pela linguagem e, sobretudo, pelos meios técnicos de comunicação, Lótman entende que o conhecimento neste século gira em torno da consciência metalinguística, o que coloca como necessidade a demanda por nova metodologia científica. Centrada na descrição dos relacionamentos entre sistemas, esta metodologia visa a compreensão estrutural dos processos modelizantes.

Do ponto de vista semiótico, a hipótese estrutural é aquela em que "a cultura é compreendida como sistema de linguagens e de sua concreta manifestação como texto e, em última análise, como problema semiótico" (LÓTMAN & USPIÊNSKI 1973: XIV). O problema pode ser compreendido no

novo modo de se situar as relações entre texto e linguagem. O novo método proposto é o descritivo-estrutural guiado para a análise do funcionamento dos sistemas semióticos em sua extensão e profundidade. Com isso, abandonam-se aplicações.

Ao considerar a linguagem da cultura como um novo objeto de pesquisa científica, Lótmán afirma a mudança do significado metodológico da pesquisa que o próprio objeto obriga rever. Nesse sentido,

...o dever da pesquisa semiótica não é a expansão em largueza ou amplitude mas adensamento em profundidade, o que implica a descrição imanente de sistemas concretos de signos. Trata-se tanto de estudar, na esfera estudada, um determinado complexo de signos, quanto de analisar as relações com os signos estudados, seja no texto (sintagmática), seja no sistema (na paradigmática). As análises das relações deste último tipo (a paradigmática) pressupõe necessariamente a introdução do conceito de nível e a instituição de uma hierarquia entre os níveis. Pode-se dizer que a própria elaboração da metódica da descrição adquire, para a semiótica descritiva, um significado essencial, não limitado a aplicação de dados métodos a descrição do sistema concreto que serve de objeto de pesquisa (USPIÊNSKI & LÓTMAN 1973: XXI).

Há que se ressaltar dois pontos essenciais do processo descritivo. Por um lado, visa ao "funcionamento do sistema de signos como processo comunicativo" e, por outro, o "funcionamento dos sistemas semióticos face à atual delimitação da sincronia e diacronia e em geral o estudo da dinâmica do texto e do conjunto do sistema" (USPIÊNSKI & LÓTMAN 1973: XXI). O que em última instância significa dizer que a compreensão dos diferentes funcionamentos mostram as diversas possibilidades de semiose e do processo de signi-

ficação a partir de uma hierarquia complexa. Delineia-se um caminho da construção de uma teoria sintética da cultura humana, não do ponto de vista de formulações abstratas, mas do ponto de vista da história do pensamento humano em sua capacidade metalinguística ou de realização metateórica (USPIÊNSKI & LÓTMAN 1973: XXI).

A pesquisa semiótica assim concebida busca situar o lugar da semiótica no contexto da ciência humana (*sic*). Ciência humana, no singular, não diz respeito ao plural que congrega as ciências propostas no século XIX, como antropologia, sociologia, etnografia. A ciência humana seria a ciência do homem como pare de outros sistemas. É como ciência humana que a semiótica da cultura foi concebida e, se alcançou a semiosfera, foi porque o método descritivo-estrutural de possibilidades de semiose não hesita o enfrentamento das interações comunicativas nos sistemas de signos em funcionamento nas hierarquias complexas. Resgatar a condição de complexidade no estudo das ciências humanas é a tarefa da semiótica da cultura.

Referências

IVANOV, V.V. et al. (2003). Teses para uma análise semiótica da cultura (uma aplicação aos textos eslavos). In: MACHADO, Irene (2003). **Escola de semiótica: a experiência de Tartu-Moscou para os estudos da cultura**. São Paulo: FAPESP/Ateliê Editorial.

JAKOBSON, Roman (1959). Linguistic Aspects on Translation. In **On Translation** (R.A. Brower). Harvard University Press.

LÓTMAN, I.M. (1978). **A estrutura do texto artístico** (trad. M.C.V. Raposo e A. Raposo). Lisboa: Estampa.

_____ (1979). Sobre algumas dificuldades de princípio na descrição estrutural de um texto. In **Semiótica russa** (Boris Schnaiderman, org.). São Paulo: Perspectiva.

_____ (1998a). Sobre el metalenguaje de las descripciones tipológicas de la cultura (1969). In **La semiosfera II**. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio (trad. D. Navarro). Madrid: Cátedra.

_____ (1998b). Sobre los dos modelos de la comunicación en el sistema de La cultura (1973). In **La semiosfera II**. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio (trad. D. Navarro). Madrid: Cátedra.

_____ (1998c). Um modelo dinâmico do sistema semiótico (1974). In **La semiosfera II**. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio (trad. D. Navarro). Madrid: Cátedra.

_____ (1998d). El fenómeno da cultura (1978). In **La semiosfera II**. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio (trad. D. Navarro). Madrid: Cátedra.

_____ (1998e). Cérebro – texto – cultura – inteligência artificial. In **La semiosfera II**. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio (trad. D. Navarro). Madrid: Cátedra.

_____ (1998f). La cultura como sujeto y objeto para si misma (1989). In **La semiosfera II**. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio (trad. D. Navarro). Madrid: Cátedra.

_____ (1998g). Acerca de la semiosfera. **La semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto (trad. D. Navarro, org.). Madrid: Cátedra.

LÓTMAN, M. (2001). The Paradoxes of Semiosphere. **Sun Yat-sen Journal of Humanities**, 12(2001): 97-106.

LÓTMAN, Iúri (1990). **The Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture** (trad. Ann Shukman). Bloomington, Indiana University Press, 1990.

MACHADO, I. & ROMANINI, V. (2011). Semiótica da comunicação: da semiose da natureza à cultura. **FAMECOS**, PUCRS, v. 17, n. 2, 89-87.

USPIÊNSKI, B. & LÓTMAN, I. (1973). Introduzione. In **Ricerche semiotiche: Nuove tendenze delle scienze umane nell'URSS** (trad. Clara Strada e outros). Torino: Giulio Einaudi.